

CURSO DE LETRAS

Mariana Bertol

**VISÕES DO PARAÍSO: A VIOLÊNCIA E O SAGRADO NA TRAJETÓRIA DOS
PERSONAGENS ADÃO E EVA**

Santa Cruz do Sul

2015

Mariana Bertol

**VISÕES DO PARAÍSO: A VIOLÊNCIA E O SAGRADO NA TRAJETÓRIA DOS
PERSONAGENS ADÃO E EVA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade de Santa Cruz do Sul como tarefa integrante
do currículo normal do curso.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Rosane Maria Cardoso

Santa Cruz do Sul

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio, mas principalmente a meus pais, meus maiores exemplos, por me ensinarem os valores mais importantes que carrego comigo.

À minha orientadora, que soube transformar um desejo neste trabalho tão bonito. Espero um dia ser uma profissional competente, bem humorada e cheia de conhecimentos, assim como você.

A todos as pessoas que passaram pela minha vida e que de alguma forma contribuíram para eu ser a pessoa que sou hoje.

Obrigada.

RESUMO

Neste trabalho temos por objetivo investigar a trajetória dos personagens Adão e Eva, na obra *El infinito en la palma de la mano*, de Gioconda Belli, comparando com a visão do pintor Hieronymus Bosch, em seu quadro *O jardim das delícias*. Analisamos a transformação que os protagonistas da obra sofrem e a violência que se abate sobre Adão e sua família, de acordo com a concepção de René Girard sobre a violência, o sagrado e o sacrifício. A intertextualidade se apresenta através da visão semelhante que Bosch e Gioconda Belli partilham sobre a criação da humanidade e as consequências sofridas em razão da busca pelos prazeres mundanos. Assim a obra de Bosch em questão constitui metáforas através das quais é possível fazer uma leitura que se aproxima da obra de Belli.

Palavras-chave: Violência. Sagrado. Sacrifício. Intertextualidade.

RESUMEN

En este trabajo tenemos por objetivo investigar la trayectoria de los personajes Adán y Eva, en la obra *El infinito en la palma de la mano*, de Gioconda Belli, comparando con la visión del pintor Hieronymus Bosch, en su cuadro *El Jardín de las Delicias*. Analizamos la transformación que los protagonistas de la obra sufren y la violencia que se abate sobre Adán y su familia, de acuerdo con la concepción de René Girard sobre la violencia, el sagrado y el sacrificio. La intertextualidad se presenta a través de la visión semejante que Bosch y Gioconda Belli comparten sobre la creación de la humanidad y las consecuencias sufridas en razón de la búsqueda por los placeres mundanos. Así la obra de Bosch en cuestión constituyó metáforas a través de las cuales es posible hacer una lectura que se aproxima de la obra de Belli.

Palabras-clave: Violencia. Sagrado. Sacrificio. Intertextualidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tríptico do Jardim das Delícias (asas externas). c. 1500 óleo no painel, 220x97cm (cada asa)	23
Figura 2 – Tríptico do Jardim das Delícias. c. 1500 óleo no painel, painel central: 220x195cm, asas: 220x97cm.....	24
Figura 3 – Tríptico do Jardim das Delícias (esquerda). c. 1500 óleo no painel, 220x97cm	26
Figura 4 – Tríptico do Jardim das Delícias (painel central). c. 1500 óleo no painel, 220x195cm	27
Figura 5 – Tríptico do Jardim das Delícias (direita). c. 1500 óleo no painel, 220x97cm	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	O GÊNESIS BÍBLICO: DO NASCIMENTO À EXPULSÃO	8
2.1	Lilith: a primeira mulher de Adão.....	9
3	A VIOLÊNCIA E O SAGRADO SEGUNDO RENÉ GIRARD	11
4	<i>O JARDIM DA DELÍCIAS</i> DE HIERONYMUS BOSCH	13
5	<i>O GÊNESIS EM EL INFINITO EN LA PALMA DE LA MANO</i>.....	15
6	VISÕES DO PARAÍSO: A VIOLÊNCIA E O SAGRADO EM BELLI E BOSCH..	22
7	CONCLUSÃO.....	30
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da minha paixão pessoal pela literatura e pelas artes de uma forma geral. Quando iniciamos a leitura de uma obra literária, é inevitável que os temas nela debatidos provoquem uma “sede” maior por conhecimento. Essa sede nada mais é do que a busca por uma satisfação perante um assunto que não conhecemos ou que nos desperta imenso questionamento.

Ao realizamos a leitura da obra *El infinito en la palma de la mano*, de Gioconda Belli, o primeiro questionamento que surge é se existe a possibilidade de separar o bem do mal. Na obra, Adão e Eva são criaturas dotadas de total pureza. Porém, ao provarem do fruto proibido, adquirem consciência do que acontece à sua volta. A passagem da existência edênica para o conflito que se abateu sobre Adão e Eva deu-se devido à liberdade de escolha que os personagens possuíam. Porém, o que o casal não sabia era que o conhecimento, junto com o bem, traria o mal também.

A principal dimensão do nosso trabalho é a presença da intertextualidade, que se apresenta na comparação entre o texto bíblico do livro de *Gênesis* com a obra de Gioconda Belli, desde o nascimento de Adão e Eva até a expulsão do paraíso e a consequente desagregação familiar. Outro ponto importante em nosso estudo é o mito de Lilith na construção dos personagens femininos de Gioconda Belli. Estes se assemelham a Lilith, pois são as mulheres que desencadeiam os acontecimentos na narrativa, através de seus questionamentos.

A intertextualidade está presente também através da concepção do sagrado, da violência e do sacrifício, na perspectiva girardiana, representado também no texto de Belli. Na concepção girardiana, só se pode fugir da violência, dando-lhe algo em troca ou aplacando sua necessidade sacrificial. O que acontece com os irmãos Caim e Abel é justamente a falta de uma artimanha, por parte de Caim, para defender-se do rito e, sem um animal para sacrificar, acaba matando seu irmão, tomado pelo ciúme. Na obra de Gioconda Belli, é possível detectar essa estrutura sacrificial típica da constituição da comunidade.

Por fim, analisamos a intertextualidade que se manifesta através da visão semelhante que Hieronymus Bosch e Gioconda Belli partilham sobre a criação da humanidade e as consequências sofridas em razão da busca pelos prazeres mundanos. A trajetória dos personagens é marcada por dois momentos: a pureza edênica e quando o entendimento entre eles se torna babélico. A obra de Bosch constitui metáforas através das quais é possível fazer uma leitura que se aproxima da obra de Belli.

O projeto que foi executado não está especificado nas sugestões do Departamento de Letras. Contudo, a linha de pesquisa é na área da literatura hispano-americana, em que atuam os professores de Letras.

2 O GÊNESIS BÍBLICO: DO NASCIMENTO À EXPULSÃO

De acordo com o *Antigo Testamento*, no livro de *Gênesis* (que narra as origens do universo), no princípio Deus criou o céu e a terra e durante os seis dias seguintes foi determinando suas criações. No primeiro dia, criou a luz e distinguiu o dia da noite; no segundo dia, criou o firmamento para que as águas fossem divididas; no terceiro, criou a terra, as árvores e seus frutos desde a semente; no quarto dia, criou as estações, para que a passagem do tempo pudesse ser marcada. Do mesmo modo, criou os dias, os anos, meses e as estrelas. No quinto dia, criou os animais das mais variadas espécies; no sexto dia, criou o homem à sua imagem e semelhança. No sétimo dia, descansou.

O homem foi originado do limo da terra e colocado para cuidar do jardim criado por Deus, onde tinha tudo o que necessitava. Nesse jardim, existiam duas árvores, uma a árvore da vida, da qual Adão poderia se alimentar, e a outra a árvore da ciência. Desta o Senhor proibiu que o homem provasse de seu fruto, com a seguinte advertência: “Come de todos os frutos das árvores do paraíso. Mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem, e do mal. Porque em qualquer tempo que comeres dele, certissimamente morrerás” (Gn 2, 16-17). Para que o homem não se sentisse solitário, Deus criou a mulher a partir de uma costela de Adão e ambos viviam nus no paraíso sem se envergonhar um do corpo do outro. O primeiro pecado aconteceu devido à serpente, considerada o animal mais astuto da Terra. Ela incitou Eva a provar do fruto, fazendo com que a mulher desobedecesse as ordens divinas. Assim que provaram do fruto, homem e mulher perceberam a nudez de seus corpos e taparam-nos com folhas de figueira. Deus amaldiçoou a serpente e como castigo, ordenou que daquele dia em diante andasse se rastejando e comendo terra; à mulher foi atribuída a multiplicação dos partos com imensa dor e viver sob as ordens de seu marido. A Adão Deus ordenou que tirasse o próprio sustento da terra à força de seu próprio trabalho.

Após, foram expulsos do paraíso para cultivarem a nova terra prometida e, para que não pudessem retornar e ter acesso à árvore da vida, Deus colocou um querubim com uma espada cintilante guardando sua entrada. Da primeira relação sexual do casal, nasceu Caim e após Abel. Caim era lavrador e Abel era pastor de ovelhas. De tempos em tempos, os irmãos faziam ofertas ao Senhor, porém apenas as ofertas de Abel eram valorizadas, fato que desencadeou a ira de Caim, fazendo com que matasse seu irmão. Como castigo ao seu ato, foi marcado pelo Senhor para que não fosse morto por nenhum homem e pudesse cumprir sua sina. Posteriormente, conheceu sua mulher e edificou uma nova cidade, gerando assim novos descendentes. Eva, por sua vez, também pariu um novo filho chamado Set e,

consequentemente, a estrutura da comunidade estava formada através de seus descendentes que continuariam a povoar o universo.

2.1 Lilith: a primeira mulher de Adão

Existe uma interpretação do mito do *Gênesis* no qual Deus criou uma primeira companheira para o homem, que seria Lilith, considerada a primeira energia feminina separada de Adão e Eva. A criação de Lilith está basicamente envolta na dissonância entre dois mitos do *Velho Testamento*. Koltuv (1986, p. 27-29) relata que no primeiro mito tanto o homem como a mulher são moldados por Deus e possuem a mesma origem (a mãe Terra). Sabendo dessa igualdade, a mulher se recusa a ficar embaixo do homem nas relações sexuais. Sua recusa em acatar tanto as ordens divinas, quanto as de seu companheiro, fez com que houvesse a necessidade de ser criada uma nova mulher: Eva. No segundo mito, Adão vive só e o fato de o homem ser só é considerado um insulto a Deus, pois somente o Senhor pode ser unidade. Frente a isso, foi criada a mulher de uma costela de Adão para que fosse sua companheira. A mulher recebeu o nome de Eva, que significa a mãe de todos que vivem.

Lilith e Eva, de certa forma, são distintas no que diz respeito à criação, mas semelhantes em sua desobediência. Assim como a primeira mulher transgrediu em sua recusa, Eva também o faz ao provar do fruto proibido. Enquanto Eva é a mãe de todos e gerada de Adão, Lilith é um espírito livre, como Koltuv (1986, p. 35) conclui:

Portanto, Lilith, a primeira mulher que Deus criou da terra, é, antes de mais nada, subjugada e, em seguida, reerguida, para se tornar o açoite de Deus. Esta imagem da flamejante espada giratória capta a qualidade essencial de Lilith, ora Deusa, ora demônio, ora tentadora, ora assassina, ora noiva de Satã, ora a esposa de Deus, sempre em chamas nos portões do Paraíso.

O mito de Lilith perpassa há séculos as mitologias suméria, babilônia, assíria, cananea, persa, hebraica, árabe e teutônica e é conhecida como um demônio feminino noturno de cabelos compridos que seduz homens e mulheres em seus sonhos, estimulando-os aos prazeres carnavais. É relacionada a diversas figuras como: a demoníaca *Lamaschtu*, uma bruxa assassina de crianças, a Diaba Raposa, a Estranguladora Alada, a Sugadora de Sangue, o Fim de Toda a Carne, entre outros. É comparada também a diversos animais e a emissão de sons noturnos horrendos, representando a alma de todo ser vivo que rasteja, Koltuv (1986, p. 17) afirma:

As origens de Lilith ocultam-se num tempo anterior ao próprio tempo. Ela surgiu do caos. Embora existam muitos mitos acerca de seus primórdios, Lilith aparece nitidamente, em todos eles, como uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza.

De acordo com a obra cabalística do século XIII, conhecida como *Zohar*, no princípio Deus criou duas grandes luzes iguais, a Lua e o Sol, porém ambas se sentiam extinguidas uma pelo outra. A Lua, sentindo-se inferior ao Sol perante Deus, diminuiu sua forma e se tornou a líder das fileiras inferiores. Quando se encontra em conexão com o Sol, é luminosa. Porém, ao se afastar, diminui sua luz e tamanho criando cascas sobre cascas, como resultado dessa espécie de proteção, criou-se outra, conhecida como Lilith.

Para os cabalistas, é uma prostituta que seduz homens e os faz seguir por caminhos tortuosos, sendo por esse motivo conhecida também como a Serpente Tortuosa, pois assim como ela não possui mãos e pés, resultado do castigo divino por ter influenciado Eva a provar do fruto proibido. Ao contrário da mulher, que foi criada a partir de Adão, Lilith foi criada da mesma terra e é nada menos que a representação da mulher que nega engaiolar-se, que busca a liberdade de ir e vir e tomar suas próprias decisões.

3 A VIOLÊNCIA E O SAGRADO SEGUNDO RENÉ GIRARD

A violência faz parte da condição humana e pouco varia de indivíduo para indivíduo. Estudos recentes sugerem que uma vez que a violência é despertada, o desejo de violência produz inclusive mudanças significativas no corpo do homem. Considerar a violência como um simples reflexo é um erro, pois é muito mais difícil abrandar o desejo que estimulá-lo.

De acordo com Girard (1990, p. 12-15), quando a violência não é satisfeita, a fúria continua até ser encontrada outra vítima para aplacar sua vontade e só haverá possibilidade de enganá-la se lhe for fornecida uma espécie de válvula de escape, algo que possa ser sacrificado no lugar de sua vítima inicial.

A história de Caim e Abel, na *Bíblia*, ilustra a teoria de Girard, pois a válvula de escape é o sacrifício animal. Abel era pastor de ovelhas e Caim, lavrador. Abel sacrifica os primogênitos de seu rebanho, enquanto Caim apenas oferece os frutos de sua colheita. Sem dispor do artifício do sacrifício animal para aplacar a violência, acaba matando seu irmão.

Na obra de Gioconda Belli, o ciúme que Caim manifesta sentir pelo irmão e sua irmã Luluwa é o fator que desencadeia a violência cometida contra o irmão. Abel e Luluwa estão destinados por Deus a formarem um par e juntos procriarem, mas Caim se mostra contrário à decisão divina, alega a seu irmão que ele e Luluwa não podem existir um sem o outro e, enfurecido com a insistência do irmão em afirmar as ordens divinas, golpeia-o e o mata. Esses acontecimentos, tanto na *Bíblia* quanto na obra de Belli, são denominados pelo autor como *rivalidade mimética*, que também funciona como fator para desencadear a violência.

Segundo Girard (1990, p. 184-185), na relação indivíduo/objeto, há um mediador, ou seja, “outro” e é esse outro que desperta o desejo. No caso dos irmãos, o outro que desencadeia o desejo é a vontade de Caim em possuir aquilo que o irmão possui ou o que lhe foi destinado. Ao perceber que seu objeto de sacrifício não tem a mesma importância para Deus e que a irmã que tanto deseja não será sua, Caim passa a enxergar o irmão como um rival. Tanto o objeto como o sujeito já não podem mais ser diferenciados. Abel é o sujeito que se interpõe entre o objeto e a realização do desejo e, portanto, precisa ser eliminado. Nesse ponto, desejo e violência assumem o mesmo caráter.

A solução para violência, de acordo com Girard, é o sacrifício do bode expiatório, pois sem que um seja punido corre-se o risco de a violência tomar proporções maiores e incontrolláveis. Para que a situação volte ao normal, o bode expiatório serve como objeto para racionalizar a violência. Na obra de Belli, por exemplo, Adão já havia matado um animal tomado pela raiva e não havia sido castigado, o que fez com que o fato voltasse a se repetir,

agora através de seu filho Caim, Eva lembra Adão que “uma vez que aceitamos que havia que matar para sobreviver permitimos que a necessidade dominasse nossa consciência, admitimos nossa crueldade. E olha agora como a crueldade veio pousar em nossas vidas”¹ (BELLI, 2008, p. 224, tradução nossa).

O ato cometido contra seu irmão, mesmo não sendo o primeiro, ameaça a futura constituição da comunidade, como afirma Girard (1990, p. 319):

A morte é a pior violência que se pode sofrer; é portanto extremamente maléfica. Com a morte, a violência contagiosa penetra na comunidade e os vivos devem proteger-se. Eles isolam o morto, tomam precauções de todos os tipos e sobretudo praticam ritos fúnebres, análogos a todos os outros ritos, visando à purificação e à expulsão da violência maléfica.

Para coibir futuras manifestações de violência, a vítima, neste caso Abel, precisa ser alguém que não possa reagir ou vingar-se, mas que irá ser lembrado por sua comunidade como sinônimo de harmonia: “É como se a vítima expiatória morresse para que a comunidade, ameaçada de morrer toda com ela, renasça para a fecundidade de uma ordem cultural nova ou renovada” (GIRARD, 1990, p. 320). O mesmo acontece com Caim que culpado pela morte do irmão, não pode sofrer nenhum tipo de represália, pois já foi marcado por Deus, criando assim um sistema diferenciado para organizar a rivalidade mimética. Não é eximido ou perdoado por seu ato, apenas condenado a viver longe de sua comunidade.

Portanto, a violência produz o sagrado, pois, ao mesmo tempo em que nos fornece o bode expiatório, representando o mal, fornece também o bem, através da vítima que produz os benefícios sociais, a morte assume um novo caráter: “Não existe vida, no plano da comunidade, que não fale da morte. Assim, a morte pode aparecer como verdadeira divindade, como o lugar onde o mais benéfico e o mais maléfico se reúnem” (GIRARD, 1990, p. 320).

¹ “una vez que aceptamos que había que matar para sobrevivir permitimos que la necesidad dominara nuestra conciencia, admitimos la crueldad. Y mira ahora cómo la crueldad ha venido a posarse en nuestras vidas.”

4 O JARDIM DA DELÍCIAS DE HIERONYMUS BOSCH

Hieronymus Bosch nasceu em Brabante, província holandesa, por volta de 1450. Pouco se sabe sobre sua vida, mas ao que parece teve uma infância tranquila e confortável. Desde pequeno, arte e religião eram assuntos recorrentes em sua casa. Há poucas informações a respeito da forma como aprendeu a pintar. A hipótese mais provável, porém não comprovada, é que tenha recebido orientações do pai ou de um dos tios.

No século XVI, Bosch já era um pintor conhecido além de seu país. Através de sua incrível imaginação, criou um estilo fantástico em seus quadros. Suas obras se baseiam no espírito religioso da Idade Média e possuem dois eixos fundamentais: a religião e a arte.

De acordo com o historiador de arte espanhol Fernando Marías, sua obra está dividida em quatro períodos. O quadro *O jardim das delícias* pertence ao terceiro, entre 1485 e 1505. O tema central dessas obras, em *Gótico e Renascimento* (1991, p. 36):

fracciona-se numa infinidade de subtemas alusivos em que as representações e símbolos se entrecruzam de maneira inextricável; cada figura tem um significado que a forma tende a sublinhar; em cada imagem, expressão alusiva de um símbolo, encontra-se, semioculto, um conceito.

Porém, antes de nos determos em um estudo mais aprofundado sobre a obra de Bosch, é necessário primeiro contextualizar a sociedade em que o pintor estava inserido e qual era a mentalidade das pessoas daquela época, como pensavam e lidavam com seus questionamentos. Para o homem medieval europeu, a compreensão da vida se baseava no sagrado e era a partir dele que sanava todas as suas dúvidas, a vida era muito simples e a maioria da sociedade dependia da vida no campo (plantar e colher). Os fenômenos da natureza estavam sempre muito presentes em sua vida e a falta de certezas sobre o futuro, fazia com que as pessoas se sentissem inseguras. As doenças e a fome o convertiam em um ser temeroso e marcado pelo conflito de sentimentos: se de um lado estava a vida, a saúde e a luminosidade que o dia representava, do outro estavam a morte e a escuridão, era à noite que o homem sentia medo por todos os castigos divinos que poderiam se abater sobre ele caso pecasse.

O principal elo entre os homens e Deus era o Paraíso. Segundo Ströher e Kremer (2011, p. 61), o Paraíso era representado como

um local com o clima sempre agradável, árvores opulentas, uma fragrância deliciosa no ar, um belo jardim e, obviamente, a morte, pois o Paraíso não é para os vivos, apesar de ser para os homens. Os mortos devem, contudo, esperar uma permissão, pois as delícias do Éden não são destinadas para todos os homens. A entrada no jardim das delícias só é permitida aos que merecem.

O homem vivia sob a constante de ser punido. Credo na existência do paraíso, o homem devia lidar também com a possibilidade de ser punido ao purgatório, dependendo do tipo de erro que tivesse cometido em sua vida na terra. O purgatório era descrito, de acordo com Ströher e Kremer (2011, p. 62) como “um lugar de purgação dos pecados veniais, ou melhor, dos pecados perdoáveis e também dos sete pecados capitais. O Purgatório é o lugar onde os mortos sofrem provações que, se forem superadas, poderão leva-los a vida eterna”. Já o inferno era, para a maioria das pessoas, um lugar onde eram julgados os pecados mais graves e “quanto mais grave a falta cometida, [...] mais severa seria sua pena e maior a profundidade infernal destinada ao pecador”. Foi nessas circunstâncias que a obra de Bosch se construiu e, principalmente a obra que analisaremos *O Jardim das Delícias*.

5 O GÊNESIS EM *EL INFINITO EN LA PALMA DE LA MANO*

A narrativa de Gioconda Belli está dividida em duas partes: a primeira intitulada “Homem e mulher os criou”, conta a criação de Adão e Eva, a transgressão, a expulsão do paraíso e a luta para sobreviver em um cenário totalmente novo. A segunda, “Crescei e multiplicai-vos” relata a trajetória do casal e de seus descendentes, marcados pelas paixões humanas e a morte.

A história inicia com Adão percebendo-se como criatura no paraíso e identificando as outras criações divinas (plantas, animais, água, etc.), diferentemente do texto bíblico, onde o relato começa a partir da criação do universo. Porém, a principal diferença está na maneira como a serpente é descrita na obra de Belli (2008, p. 26-27):

Sua pele era diferente da deles, brilhante e flexível, composta por pequenas escamas, como as dos peixes. Era alta e suas formas fluíam curvas e gráceis até terminar em pernas e braços longos e flexíveis. Em seu rosto liso, quase plano, sobressaíam, dourados e vivazes, os olhos rasgados e a reta fenda da boca fixa em uma expressão de irônica complacência e impavidez. Em vez de cabelos, sua cabeça estava coberta de plumas brancas.² (tradução nossa).

Na *Bíblia*, a serpente é apenas descrita como um animal; no livro da autora, possui características inclusive parecidas com as de Adão e Eva.

Outro ponto importante na narrativa são os questionamentos que Eva levanta ao longo da história sobre sua condição no paraíso e se existe algo ou alguém além do Jardim do Éden. Mas, sem dúvida, o que mais chama atenção nos capítulos iniciais é a temática do livre-arbítrio, que levanta dúvidas sobre as escolhas do homem e da mulher, principalmente sobre as consequências de se conhecer o bem e o mal.

A principal responsabilidade de Adão e Eva consistia na escolha entre a eternidade e o conhecimento. Ao longo da narrativa, Eva se mostra muito mais curiosa e inquieta que seu companheiro e a falta de informações sobre a finalidade de suas origens é o que desperta nela a busca por respostas. Suas indagações culminam no encontro com a serpente que, astuta,

² “Su piel era diferente a la de ellos, iridiscente y flexible, compuesta por pequeñas escamas, como las de los peces. Era alta y sus formas fluían curvas y gráciles hasta rematar en piernas y brazos largos y flexibles. En su rostro liso, casi plano, sobresalían, dorados y vivaces, los ojos rasgados y la recta hendidura de la boca fija en una expresión de irónica complacencia e impavidez. En vez de cabello, su cabeza estaba cubierta de plumas blancas.”

aproveita-se para influenciá-la a provar do fruto proibido. No entanto, o que se mostra interessante na obra de Belli é que em nenhum momento a autora acusa a mulher de pecar por provar do fruto. Segundo a narrativa de Belli (2008, p. 35), era Deus quem queria que a mulher provasse do fruto para que assim a história finalmente pudesse ser cumprida e para que a responsabilidade recaísse sobre Eva e não sobre ele. A partir dessas questões apresentadas pelo texto, começamos a refletir também sobre a liberdade das criaturas de escolherem entre o bem e o mal, segundo os desígnios de Deus.

De acordo com os escritos bíblicos, o homem foi criado à imagem de Deus. O narrador, na obra de Belli (2008, p. 39), complementa dizendo que, ao provarem do fruto, se separariam de Deus e fariam a história para a qual haviam sido criados se cumprir. Somente através da escolha entre o bem e o mal, presente no conhecimento, seria possível existir uma espécie que povoaria um planeta e que teria consciência e entendimento. Acrescenta ainda que o Senhor os fez à sua imagem para que tivessem o poder da criação em suas mãos. Acreditamos que, com essa afirmação, o narrador relativiza a culpa pelo pecado de Adão e Eva e os humaniza, o que se estende até mesmo à serpente, que não exerce importância decisiva na opção do casal. Independentemente de suas escolhas, são apenas meros instrumentos de uma vontade maior e a serpente os faz pensar sobre isso, também permitindo ao leitor uma interpretação mais aberta sobre o bem e o mal.

Após provarem do fruto, tanto Eva quanto Adão passam a enxergar um ao outro como nunca antes. Eva é a primeira a provar do fruto e a se deliciar com todas as novas sensações despertadas, olha para Adão de maneira diferente. “Eva o viu chegar. Tremeu ao vê-lo aproximar-se correndo. Olhou o suor brilhando em sua pele, as pernas fortes, o impulso de seus pés, o olhar de alarme. Cruzou as mãos sobre o peito. Enfrentou-o”³ (BELLI, 2008, p. 44, tradução nossa). A seguir, o relato da primeira reação de Adão: “[...] olhou Eva. Experimentou seu primeiro desconcerto. Eva desejou que deixasse de vê-la como se mordendo a fruta estivesse pensando morder a ela, comê-la. Tapou os peitos”⁴ (BELLI, 2008, p. 45, tradução nossa). O ato de comer o fruto, ao contrário do que Eva imagina, não responde a todas as suas dúvidas acerca do bem e do mal. Ao incitá-la ao pecado, a serpente a engana, pois ao mesmo tempo em que Eva adquire o conhecimento, também perde sua inocência e

³ “Eva lo vio llegar. Tembló al verlo acercarse corriendo. Miró el sudor brillando en su piel, las piernas fuertes, el impulso de sus pies, la mirada de alarma. Cruzó las manos sobre el pecho. Lo enfrentó.”

⁴ “[...] miró a Eva. Experimentó su primer desconcierto. Eva deseó que dejara de verla como si mordida la fruta estuviera pensando morderla a ella, comérsela. Se tapó los pechos.”

imortalidade. Com o passar do tempo, Eva percebe que o conhecimento é “uma lenta revelação, uma sucessão de sonhos e intuições acumulando-se em um lugar anterior ao das palavras”⁵ (BELLI, 2008, p. 98, tradução nossa).

Com a descoberta do corpo do outro, não demora para o casal explorar o desejo recém-conhecido na tentativa de aplacar os novos anseios carnis. O ato sexual acontece de forma natural:

Eva aproximou o nariz em seu peito. O cheirou. Ele colocou as mãos no cabelo, a cheirou também. [...] Quisera poder voltar a estar dentro de teu corpo, regressar a costela de onde dizes que saí. Quisera que desaparecesse a pele que nos separa. Ele sorriu e a apertou mais forte contra seu peito. Também ele queria o mesmo, disse, tocando-lhe o ombro com os lábios. Queria comê-la como o fruto proibido. Eva sorriu.⁶ (BELLI, 2008, p. 49-50, tradução nossa).

Com o ato consumado, Adão e Eva iniciam uma nova etapa em suas existências, pois, a partir dali, perdem o direito de viver e desfrutar dos privilégios do Paraíso.

Outro ponto de destaque na narrativa é a forma como o Criador, também chamado de Elokim, é descrito pela autora. Diferente do texto bíblico, na narrativa de Belli a serpente descreve o Criador como alguém indiferente ao sofrimento alheio e que de, certa forma, manipula os destinos como bem entende:

Concebeu a Terra e a criou: os céus, a água, as plantas, os animais. Ao final, fez vocês, o homem e a mulher. Hoje está descansando. Depois se entediara. Não saberá o que fazer e de novo serei eu quem terá que acalmá-lo. Assim foi desde a eternidade. Constelação pós constelação. As cria e logo as esquece.⁷ (BELLI, 2008, p. 27, tradução nossa).

A expulsão do Paraíso representa para o casal o fim de uma existência até ali marcada pelos privilégios oferecidos pelo Criador. No Paraíso alimentavam-se de pétalas, conviviam em harmonia com os animais, levavam uma vida tranquila, sem a necessidade de esforço para conseguir se manter. Ao serem expulsos do Paraíso, tudo mudou, conhecem a necessidade de

⁵ “una lenta revelación, una sucesión de sueños e intuiciones acumulándose en un sitio anterior a las palabras.”

⁶ “Eva le pegó la nariz en el pecho. Lo olfateó. Él metió las manos en el pelo, la olfateó también. [...] Quisiera poder volver a estar dentro de tu cuerpo, regresar a la costilla de donde dices que salí. Quisiera que desapareciera la piel que nos separa. Él sonrió y la apretó más fuerte contra su pecho. También él querría lo mismo, dijo, tacándole el hombro con los labios. Querría comerla como el fruto prohibido. Eva sonrió.”

⁷ “Concibió la Tierra y la creó: los cielos, el agua, las plantas, los animales. Al final, los hizo a ustedes, el hombre y la mujer. Hoy está descansando. Después se aburrirá. No sabrá qué hacer y de nuevo seré yo quien tendrá que apaciguarlo. Así ha sido desde la Eternidad. Constelación tras constelación. Las crea y luego las olvida.”

beber água, a relação amistosa com os animais passa a ser de desconfiança, tanto o homem quanto o animal já não falam a mesma língua, um representa para o outro uma ameaça à sobrevivência. Para abrigar-se do tempo e dos perigos desconhecidos, o casal se instala em uma caverna. Ali, o dia se faz noite e, pela primeira vez, conhecem a escuridão. Sentem frio, assim como passam a ter todas as sensações que as criaturas humanas sentem.

Com o tempo, se alimentam de frutas que colhem nas árvores. Mas essas já não são suficientes para aplacar a fome, principalmente em Adão que necessita de um alimento mais completo para a fome que insiste em voltar. Um dia, ao sair com o seu cachorro Caim, vê o animal matar um coelho. Adão imita o animal e também mata para comer. Eva inicialmente se recusa a saciar sua fome através da morte de outro ser. Para ela, é difícil aceitar que não haja mais equilíbrio entre o animal e o homem como no paraíso.

Após a expulsão do paraíso e a adaptação ao novo ambiente hostil, Eva engravida e, através da observação e imitação dos animais, sabe o que acontecerá com seu corpo e como as criaturas que ela carrega em seu ventre virão ao mundo. Mais uma vez, é a serpente quem esclarece a Eva o que acontecerá com ela quando chegar o momento de parir:

– Que tempo dizes que chegará para mim? – Não o adivinhas? – O que sairá de mim? – Gêmeos, Eva. Macho e fêmea. Filho, filha. Assim se chamarão as crias que proverão de ti e tua descendência. [...] Quando virão? – perguntou Adão. – Logo. – Como será? – Com dor.⁸ (BELLI, 2008, p. 148, tradução nossa).

Eva sente como se em seu ventre habitasse o mar, a cada nova contração sua barriga faz movimentos semelhantes ao vaivém das ondas, a dor aumenta e ela desiste de tentar entender seu corpo, apenas deixa que seus instintos a guiem. O parto de Eva desperta atenção nos animais e um por um começam a surgir na caverna onde o casal vive para acompanhar tudo o que acontece. Eva se sente protegida com a presença dos animais e inevitavelmente recorda a inocência que até pouco tempo pertencia não só aos animais, mas também a ela. Tomada por esta sensação, seu corpo relaxa. “Acompanhada pelos animais, olhando o rosto comovido e doce de Adão do outro lado de suas pernas, fez o supremo esforço, gritou a todo pulmão e foi assim que a primeira mulher pariu seus filhos para viver sobre a Terra”⁹ (BELLI, 2008, p. 158, tradução nossa).

⁸ “¿Qué tiempo dices que llegará para mí? - ¿No lo adivinas? - ¿Qué saldrá de mí? – Gemelos, Eva. Varón y hembra. Hijo, hija. Así se llamarán las crías que provendrán de ti y tu descendencia. [...] ¿Cuándo vendrán? – preguntó Adán. – Muy pronto. - ¿Cómo será?- Con dolor.”

⁹ “Acompañada por los animales, mirando el rostro conmovido y dulce de Adán al otro lado de sus piernas, hizo el supremo esfuerzo, gritó a todo pulmón y fue así que la primera mujer echó a sus hijos a vivir sobre la Tierra.”

Com o desenrolar da trama, o casal vai descobrindo a cada dia como devem criar e alimentar seus filhos, cada descoberta é inspirada, na maioria das vezes, nos animais que parecem saber como se portar e prover suas crias. Mas quando não encontra as respostas, surge a serpente para respondê-las e fazer com que a vida, de certa forma, continue. Quando Eva amamenta os gêmeos, é a serpente quem a instrui: “Tu não tens o corpo espaçoso de uma égua ou uma vaca. Caminhas erguida. Por isso, as crias da tua espécie nascerão pequenas e desvalidas. Terás que dar-lhes de comer, cuidá-las até que cresçam”¹⁰ (BELLI, 2008, p. 162, tradução nossa). E assim como conhecem a felicidade de gerar novas vidas, também a tristeza ao se apagar a chama da vida em um ser. A primeira morte não tarda a acontecer, a disputa pela sobrevivência entre o homem e o animal se mostra a Adão quando, um dia, passeando com seu cachorro, se depara com uma urso e seu filhote. Caim ataca na tentativa de defender Adão e a urso, enfurecida, o mata. Tomado pela raiva, Adão também ataca a urso:

O homem não soube como matou a urso. Recordava o cheiro do animal, suas garras com o sangue fresco de Caim, a força descomunal, mas também recordava o infinito poder de sua raiva, a pedra com que destroçou a face, os olhos e o focinho. [...] Não sabia em que besta havia se convertido. Uma besta capaz de matar uma urso a mão limpa.¹¹ (BELLI, 2008, p. 169, tradução nossa).

Dessa vez, a morte assume um novo caráter para Adão, pois até aquele momento estava habituado a conviver com as criaturas matando umas as outras para sobreviver. Porém, ao presenciar a morte de seu cão, o homem passa a se questionar sobre o peso da morte:

Havia visto outros restos de animais, os que deixavam os tigres, os leões. Não pensava em como haviam morrido, nem como haviam sido suas vidas. Ali, com seu cachorro morto, pensou em tudo isso. A morte era igual, mas seu cachorro era diferente. Conhecia-o. Adivinhava o que ele pensava. O protegia. [...] Era diferente.¹² (BELLI, 2008, p. 169, tradução nossa).

¹⁰ “Tú no tienes el cuerpo espacioso de una yegua o una vaca. Caminas erguida. Por eso las crías de tu especie nacerán pequeñas y desvalidas. Tendrás que darles de comer, cuidarlas hasta que crezcan.”

¹¹ “El hombre no supo cómo mató a la osa. Recordaba el olor del animal, sus garras con la sangre fresca de Caín, la fuerza descomunal, pero también recordaba el infinito poder de su rabia, la piedra con que le destruyó la cara, los ojos y el hocico. [...] No sabía en qué bestia se había convertido. Una bestia capaz de matar una osa a mano limpia.”

¹² “Había visto otros despojos de animales, los que dejaban los tigres, los leones. No pensaba en cómo habrían muerto, ni cómo habrían sido sus vidas. Allí, con su perro muerto, pensó todo eso. La muerte era igual, pero su perro era diferente. Lo conocía. Adivinaba lo que él pensaba. Lo protegía. [...] Era distinto.”

A segunda morte acontece com um dos descendentes de Adão e Eva. Os primeiros a nascer foram os gêmeos Luluwa e Caim. Este recebe o mesmo nome do fiel cachorro de seu pai, ato que desagrada Eva, pois a nomenclatura carrega toda a tragédia e dor envolvidas em sua morte. Mesmo assim, Adão insiste que o filho se chame assim para homenagear seu velho companheiro. Não tarda para que o segundo casal de filhos nasça, esses se chamam Abel e Akliá. Cada irmão possui características próprias, Caim, assim como no texto bíblico, tem mais facilidade para lidar com a terra, planta sementes, cruza diferentes espécies fazendo com que novos frutos sejam descobertos. Já seu irmão Abel é pastor e se identifica mais com os animais. É deles que Abel tira o leite, as peles para que ele e sua família possam usufruir.

A Eva de Belli possui o mesmo nome do personagem do *Gênesis*, mas se tivermos que compará-la com alguém, com certeza será com Lilith, principalmente na maneira de se comportar, nos questionamentos que faz. A do relato bíblico é apenas uma extensão de Adão e aceita de maneira resignada os castigos e a culpa por ter desobedecido e provado do fruto proibido. A mulher de Belli revê e questiona a condição feminina, principalmente no que diz respeito à forma como o elemento masculino se impõe. Seu personagem não se submete ao homem, pois é ela quem guia e faz a história acontecer, na construção de seu personagem faz uma releitura do mito bíblico e do de Lilith e os utiliza como pano de fundo para sua narrativa. A mulher torna-se sujeito de sua história e é Adão que dependente dela: “Até agora a única obrigação que tinha sentido para ele era a de acompanhar a mulher, embora ela cuidasse bem de si mesma. O mesmo acontecia com o Jardim”¹³ (BELLI, 2008, p. 27, tradução nossa).

Assim como Lilith, a Eva de Belli se mostra uma criatura sem medo no que diz respeito aos propósitos do criador:

Eva percebeu que a Voz estava aberta para ela. Não teve medo. – És cruel- disse. – Desobedeceste. – Não me digas que não planejaste. Nunca nos concebiste eternos. Sabias tão bem como eu que isto aconteceria. – Certamente. Mas esse era meu desafio. Não intervir. Deixar que fossem livres. – E castigar-nos.¹⁴ (BELLI, 2008, p. 72, tradução nossa).

¹³ “Hasta ahora la única obligación que tenía sentido para él era la de acompañar a la mujer, aunque ella bien se cuidaba a sí misma. Igual sucedía con el Jardín.”

¹⁴ “Eva percibió que la Voz estaba abierta para ella. No tuvo miedo. – Eres cruel – dijo. – Desobedeciste. – No me digas que no planeaste. Nunca nos concebiste eternos. Sabías tan bien como yo que esto sucedería. – Ciertamente. Pero ése era mi reto. No intervir. Dejar que fueran libres. – Y castigarnos.”

Eva não é apenas uma mulher “pecadora”, mas sim quem preferiu o conhecimento e consequentemente a possibilidade de escolher, inclusive entre o bem e o mal. Ao optar por recontar a história da primeira mulher inspirada no mito de Lilith, Gioconda nos possibilita rever os fatos segundo a ótica feminina, libertando a mulher de julgamentos e destacando sua individualidade. As irmãs também são completamente distintas: enquanto Luluwa é bela e ativa, se assemelhando a Lilith, Akliá representa toda a inocência do paraíso, é mais calada e pensativa, assim como a da *Bíblia*.

A grande diferença entre o *Gênesis* bíblico e o da narrativa de Belli está na motivação da morte de Abel. Em ambos os textos o que motiva o crime cometido por Caim contra seu irmão é o ciúme, porém o tipo de ciúme é que torna os relatos diferentes: na *Bíblia*, Caim mata seu irmão por ciúme de suas oferendas serem mais valorizadas que as dele. Já na narrativa de Gioconda, o motivo do ciúme é Luluwa, a irmã prometida a Abel. Caim e Luluwa se apaixonam e, com o tempo, torna-se cada vez mais difícil para Caim aceitar que a irmã deve se relacionar e procriar com o irmão. Este se torna o segundo ato de violência na família. Motivado pelo ciúme e pela fúria incontrolável, Caim mata o irmão, assim como, antes, seu pai matara a urso, enfurecido por ela ter matado seu cão. Para Eva, a primeira morte é a causadora de toda a tragédia que se abateu sobre sua família.

A narrativa possui final semelhante para Caim ao da *Bíblia* que, após matar o irmão, é marcado pelo Criador com um sinal em sua testa, que impede que outros tentem matá-lo. Após, parte com sua irmã Luluwa para descobrir novas terras. Akliá, a irmã gêmea de Abel, profundamente tocada com a morte do irmão e a recusa de Caim em procriar com ela, aos poucos começa a voltar a ter pelos nas mãos e cada vez mais se parece com os macacos que rondam a caverna em que vivem. Com o tempo, deixa de falar. Akliá, de acordo com a serpente, “é a realidade de Elokim. Nós somos seus sonhos”¹⁵ (BELLI, 2008, p. 234, tradução nossa).

Ao final, Eva vê sua filha partir acompanhada dos macacos. Uma fina chuva começa a cair, como se a vida estivesse recomeçando em um novo ciclo.

¹⁵ “es la realidad de Elokim. Nosotros somos sus sueños.”

6 VISÕES DO PARAÍSO: A VIOLÊNCIA E O SAGRADO EM BELLI E BOSCH

Belli e Bosch partilham de opiniões semelhantes a respeito da condição humana em suas obras. O pecado e o castigo atuam como pano de fundo para mostrar ao homem suas falhas e pecados para que assim consiga talvez regenerar-se. Assim como Belli mostra a fragilidade de Adão e Eva diante daquilo que não conhecem e dos contínuos questionamentos dos personagens, Bosch pintou o casal com uma aparência fraca, para que assim pudesse realçar essa fragilidade. O que percebemos é que em ambas as obras fica evidente a trajetória percorrida pelos personagens, na típica estrutura da comunidade: os personagens iniciam sua caminhada no Éden, onde tudo é belo e puro. Em um segundo momento, após provarem do fruto proibido, o cenário torna-se diferente, tudo remete ao pecado, à culpa e na reta final, onde tudo já está perdido, o homem padece os castigos infernais devido às decisões tomadas anteriormente.

O quadro *O Jardim das Delícias* é composto por um retângulo de madeira, com duas folhas laterais e em seu verso ao ser fechado, está representada a criação do Universo, segundo a ilustração a seguir.

FIGURA 1 – Tríptico do *Jardim das Delícias* (asas externas). c. 1500 óleo no painel, 220 x 97 cm (cada asa). Museu do Prado, Madrid



Fonte: Web Gallery Of Art. Disponível em: <<http://www.wga.hu/support/viewer/z.html>>.

Nesta ilustração com o painel fechado, a pintura nos remete ao terceiro dia da criação divina, ou seja, quando tudo se iniciou. A obra de Bosch se assemelha muito à narrativa do

Gênesis bíblico, ao contrário do romance de Belli que inicia a partir do homem já criado por Deus e reconhecendo-se no paraíso. Na pintura de Bosch, o globo está encerrado em uma esfera de cristal, simbolizando a transitoriedade e a fragilidade do mundo humano, dentro da esfera há muita vegetação e água na parte inferior e na parte superior o céu cheio de nuvens.

Afastado no canto superior esquerdo do tríptico está Deus com uma espécie de livro em suas mãos, iniciando a criação do universo tal como o relato do livro de *Gênesis*; na parte superior percebemos duas inscrições em latim derivadas do livro dos *Salmos*: “Porque ele disse, e foram feitas as cousas; ele mandou, e foram criadas” (Sl 32, 9). A falta de cores no quadro possivelmente representa também a ausência da luz solar e a falta de habitantes para povoar o universo (extraído de vídeo do YouTube).

Ao abrir o tríptico percebemos algumas diferenças em relação ao cenário anterior como, por exemplo, o contraste das cores acinzentadas para as cores vivas e brilhantes dos painéis esquerdo e central, como vemos na figura abaixo.

FIGURA 2 – Tríptico do *Jardim das Delícias*. c. 1500 óleo no painel, painel central: 220 x 195 cm , asas: 220 x 97 cm. Museu do Prado, Madrid



Fonte: Web Gallery Of Art. Disponível em: <<http://www.wga.hu/support/viewer/z.html>>.

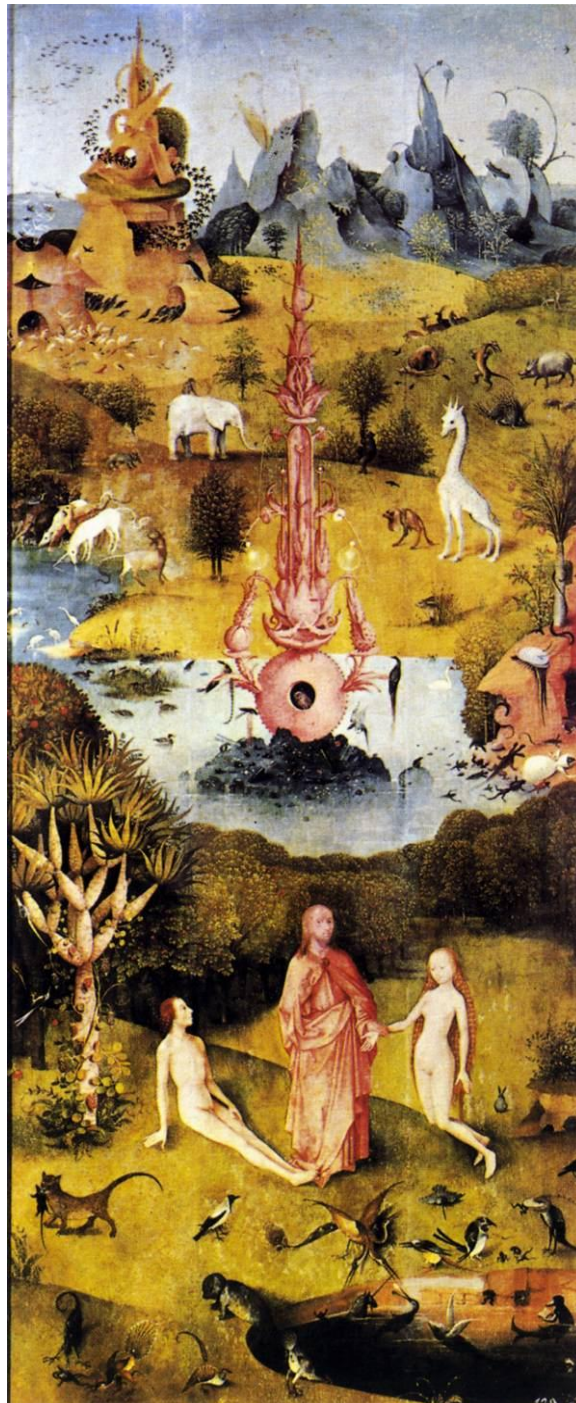
Da esquerda para a direita, percebemos retratado no primeiro painel a criação do paraíso e dos primeiros seres humanos, Adão e Eva:

No primeiro plano desta paisagem, vemos a união de Adão e Eva por Cristo. Tomando Eva pela mão, ele apresenta-a para o Adam recém-despertado que olha para esta criação de sua costela com uma mistura de surpresa e antecipação.¹⁶ (WEB GALLERY OF ART).

No primeiro plano do painel percebemos as duas árvores que também são retratadas no romance de Belli, a árvore da vida aparece ao lado de Adão e a do conhecimento está mais próxima à mulher com a serpente enrolado em seu caule. Também percebemos a presença da Fonte da Vida no centro do painel rodeado por animais como a girafa, o elefante e até mesmo animais fabulosos, como o unicórnio.

¹⁶ “In the foreground of this antediluvian landscape, we see the union of Adam and Eve by Christ. Taking Eve by the hand, he presents her to the newly awakened Adam who gazes at this creation from his rib with a mixture of surprise and anticipation.”

FIGURA 3 – Tríptico do *Jardim das Delícias* (esquerda). c. 1500 óleo no painel, 220 x 97 cm. Museu do Prado, Madrid



Fonte: Web Gallery Of Art. Disponível em: <<http://www.wga.hu/support/viewer/z.html>>.

No painel central, Bosch criou uma atmosfera o mais atraente possível sobre os pecados, com a intenção de alertar o homem a respeito do poder de sedução que o pecado provoca. Reproduziu os animais e as frutas em tamanhos maiores que o normal e a luminosidade presente no quadro é cintilante. O painel está situado justamente no meio do

tríptico entre o Paraíso e o Inferno, simbolizando a luxúria contida nos prazeres mundanos. Nesse ponto o homem já está totalmente dominado pelas paixões e prazeres carnavais, todos estão nus, mas é possível notar no canto inferior direito a presença do único homem que está vestido. Para muitos estudiosos, este seria Adão que foi corrompido por Eva e está apontando o dedo para ela como se a estivesse recriminando por tê-lo influenciado a provar do fruto proibido. O quadro possui uma grande carga erótica e de desejo sexual.

FIGURA 4 – Tríptico do *Jardim das Delícias* (painel central). c. 1500 óleo no painel, 220 x 195 cm. Museu do Prado, Madrid

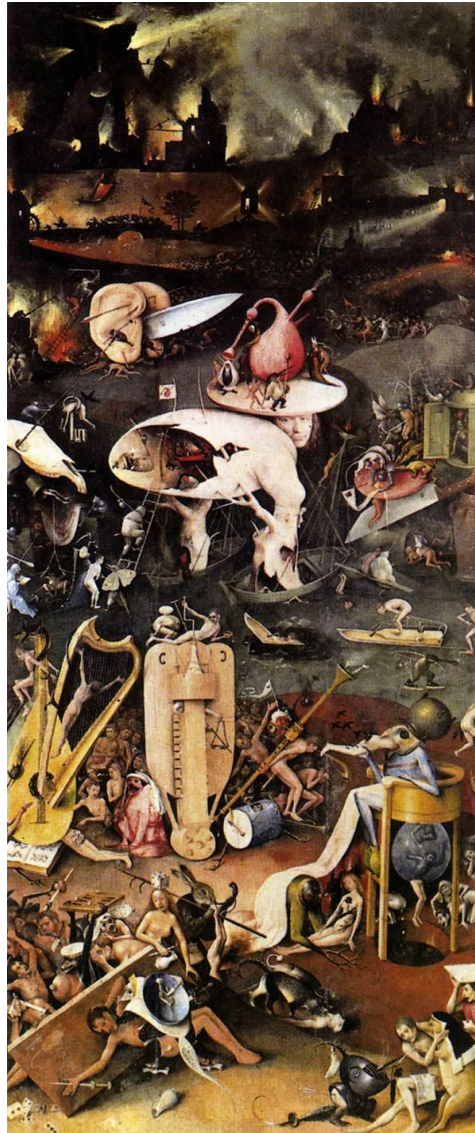


Fonte: Web Gallery Of Art. Disponível em: <<http://www.wga.hu/support/viewer/z.html>>.

O terceiro painel do tríptico é o destino dos pecadores do segundo painel, este também é conhecido como “inferno musical”, pois na época para o homem medieval a luxúria se manifestava através da música. Conforme algumas interpretações, no centro do painel há uma espécie de homem-árvore ou homem-ovo que observa com olhar melancólico todo o cenário infernal. Os instrumentos musicais representam imensos objetos de tortura, pelo qual a luxúria

consegue penetrar no coração do homem. Acima do homem-ovo estão duas orelhas com uma faca entre elas com a letra M gravada em sua lâmina. Para alguns estudiosos, essa letra pode ser uma abreviação para Mundus ou uma alusão ao Anticristo.

FIGURA 5 – Tríptico do *Jardim das Delícias* (direita). c. 1500 óleo no painel, 220 x 97 cm. Museu do Prado, Madrid



Fonte: Web Gallery Of Art. Disponível em: <<http://www.wga.hu/support/viewer/z.html>>.

O monstro que está sentado com uma cabeça de pássaro devora as criaturas condenadas, para logo após defecá-las onde um homem que representa a gula vomita, juntamente com outro que defeca, representando a avareza. Outros pecados também estão retratados nesse painel:

Em volta da fossa, podem reconhecer-se outros pecados. O preguiçoso é visitado na sua cama por demônios, o comilão vomita a comida e a mulher tem de admirar a sua imagem refletida nas nádegas de um demônio. O grupo ao redor da mesa é castigado pelas devassidões cometidas em jogos e tabernas. A luxúria é condenada pela porca com touca de freira apaixonada pelo homem. (STRÖHER; KREMER, 2011, p. 62).

No *Jardim das Delícias* e na obra de Belli, o homem padece dos castigos como consequência do primeiro pecado e está fadado a carregar na memória um paraíso que a cada transgressão fica mais distante de ser alcançado. No entanto, há que se passar pelo mal para se conhecer o bem, um não existe sem o outro, há que se passar por um mundo catastrófico para que, no final, quem sabe, o homem possa um dia regozijar novamente no paraíso.

7 CONCLUSÃO

Nosso estudo sobre o mito do *Gênesis* permitiu que pudéssemos identificá-lo em diferentes obras. No livro *El infinito en la palma de la mano*, a escritora Gioconda Belli revisitou o mito com um olhar poético e nos fez refletir sobre o dilema que ronda o homem durante toda sua existência: o bem e o mal. Sua narrativa reconta a trajetória do primeiro casal que parte do paraíso onde tudo é tão belo e puro para a realidade que, por vezes, se mostra cruel e implacável. Seus personagens são inspirados no mito bíblico, mas também no de Lilith, considerada por diversas tradições como a primeira mulher de Adão. Através desta, a autora cria um personagem feminino que conduz a história de forma audaciosa, apesar de toda a dor que o conhecimento traz consigo. A desobediência cometida ao longo da narrativa fez com que os personagens tivessem de conviver com as consequências de suas escolhas, seja ao provar do fruto proibido, seja na recusa de Caim em atender as ordens divinas. Porém, o trunfo de Gioconda está na forma como conduz seu relato, possibilitando ao leitor uma interpretação desprendida de julgamentos.

O aporte teórico de nosso trabalho esteve baseado no pensamento do antropólogo francês, René Girard, autor que dedica suas pesquisas no livro *A violência e o sagrado*, a entender como a violência se manifesta no sagrado e no sacrifício, temas presentes na obra de Belli, pois seus personagens precisam fazer sacrifícios para que a harmonia volte a sua comunidade.

A intertextualidade foi o elemento que permeou nossa pesquisa, desde o estudo dos mitos até a análise da pintura religiosa de Hieronymus Bosch, por meio de seu quadro o Jardim das Delícias, conseguimos estabelecer semelhanças na interpretação sobre a criação do universo e o motivo pelo qual o homem necessitava ser castigado.

Acreditamos que, com este trabalho, conseguimos unir as paixões de estudante e de professora com temas atuais, que podem possibilitar aos estudantes interessados uma fonte de pesquisa e de leitura prazerosa.

REFERÊNCIAS

BELLI, G. *El infinito en la palma de la mano*. Buenos Aires: Seix Barral, 2008.

BIBLIA SAGRADA. *Gênesis*. Trad. Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 1979.

El jardín de las delicias de El Bosco por Hi VIP. Video do YouTube. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zEhM1h1fE9U>>. Acesso em: 19 set. 2015.

GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. 3. ed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990.

KOLTUV, B. B. *O livro de Lilith*. São Paulo: Cultrix, 1986.

NOVA CULTURAL (Org.). *Gótico e Renascimento: Giotto, Bosch, Van Der Weyden*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os grandes artistas).

STRÖHER, C. E.; KREME, C. S. Os pecados e os prazeres terrenos no Jardim das Delícias de Bosch. *Aedos*, v. 3, n. 7, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16015> acesso em 19/09/2015>. Acesso em: 19 set. 2015.

WEB GALLERY OF ART. *O jardim das delícias*. Disponível em: <<http://www.wga.hu/support/viewer/z.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.